

Eugênio Gudin – Capitalismo e Neoliberalismo

de Maria Angélica Borges*

Relendo a obra de Eugênio Gudin

por Angélica Lovatto**

Eugênio Gudin (1886-1996) cumpre o sofisticado papel de dar corpo às idéias neoliberais no intrincado cenário cabloco, mesclado pelo atraso econômico e político do Brasil, eis a tese central defendida por Maria Angélica Borges. Desvelar seu ideário e apontar a função social que ocupa dentro da história brasileira, na perspectiva de explicitação e combate ao pensamento conservador em nosso país, eis a proposta essencial da autora.

O economista carioca, que – entre outras atividades – foi representante do Brasil na Conferência de Bretton Woods, em 1944, dedicou-se às questões econômicas a partir dos 40 anos de idade, mas produziu tão intensamente nesta área que se tornou um dos principais ideólogos do pensamento conservador deste século na história brasileira. A sofisticação de seu pensamento é menos teórica do que ideológica, pois o autor é muito mais um propagandista do que um inovador do ponto de vista da teoria econômica. Aliás, é justamente o atraso brasileiro o pressuposto fundamental para a fertilidade de seu ideário. O refinamento ideológico que imprimiu a seus escritos fez de Eugênio Gudin, pelo reconhecimento nacional e internacional que conquistou, um “embaixador” do neoliberalismo brasileiro.

Para Maria Angélica Borges, o atraso da realidade brasileira cria a necessidade de uma “figura teórica” como Eugênio Gudin e seu valor foi ter respondido a esta “missão” com uma produção sem precedentes na história do pensamento brasileiro, na vertente neoliberal. Porém, afirma a autora, não existe uma teoria gudiniana como referência, mas sim uma postura neoliberal: portanto, não há *seguidores* de Gudin e sim *sucessores*.

A maior dificuldade deste estudo – que Maria Angélica responde com seriedade e competência – foi demonstrar que o pensamento de Gudin é muito mais *aludido* do que *conhecido*, já que a maioria de seus *sucessores* se apóia

* São Paulo, Bienal-Educ, 1997.

** Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, professora do Departamento de Ciências Sociais da Fundação Santo André, membro do Neils e do Núcleo de Emancipação do Trabalho – NET.

mais no seu exemplo neoliberal do que naquilo que, de fato, ele produziu. O resultado é um conjunto de referências vazias à sua obra, tanto na evocação quanto na crítica. Daí o valor deste livro de Maria Angélica Borges pois o esforço de seu estudo é no sentido de “que todos saibam o que realmente ele defendeu”, para que Gudin “seja evocado ou criticado em função do que produziu e não do que se possa dizer a seu respeito” (1997:278).

A autora nos leva a *reler a obra de Eugênio Gudin*, desenvolvendo uma análise imanente de seu discurso para revelar, através do próprio autor, a lógica interna de seu pensamento. A natureza deste estudo insere-se numa importantíssima tradição, no campo do marxismo, a do pensamento lukacsiano. Geörg Lukács, filósofo húngaro, na busca da determinação ontológica de uma ideologia, trabalha com a conjugação de três momentos: análise imanente, gênese e função social. A autora, filiada a esta perspectiva teórica, afirma que desenvolveu sua análise “a partir desta tríade, ou seja: função social do pensamento do autor, determinado pelo movimento da realidade e revelado através do desnudamento da sua lógica interna, a partir da análise imanente” (1997:29). A importância de Karl Marx no trabalho de Maria Angélica Borges é conferida nestes termos: “aprendemos com o mestre alemão a perseguir a análise histórico-concreta como momento do ato cognitivo e a respeitar o par dialético todo e partes” (1997:27).

Este é o tema da primeira parte de seu trabalho – composta por 4 partes – onde explicita os pressupostos teóricos de sua pesquisa e o recorte de seu objeto. O eixo norteador do trabalho da autora é a posição de Gudin a respeito do capitalismo e sua relação com a teoria econômica, pois, em função da amplitude de sua obra – ao redor de 2 mil títulos – esse recorte possibilitou o tratamento adequado de sua importância dentro do quadro brasileiro. O mais valioso nesta empreitada foi que a autora, ao pesquisar a história do pensamento econômico no seu veio brasileiro, não separou o estudo da formação da ciência econômica no país com o estudo da construção do capitalismo industrial brasileiro. Em sua perspectiva de análise, essa separação é impossível, o que peculiariza e revela a maneira como entender a relação entre economia e realidade social, ou seja, como momento constitutivo da totalidade concreta.

Ao discutir os pressupostos teóricos da obra de Eugênio Gudin – que ocupa toda a segunda parte de seu livro – a autora explicita a tese fundamental do autor: *a idéia de que o capitalismo é uma técnica natural de produção*. Na terceira parte são explicitadas as teses do autor para o cenário da economia política brasileira e na quarta parte é analisada de que maneira Gudin tentou viabilizar seus projetos.

Capitalismo naturalista é um conceito-chave na obra gudiniana. Para ele, o capitalismo é uma técnica natural de produção capaz de gerir racionalmente

a economia, sem ser dirigida, pois possui dinâmica própria, que se aprimora na evolução da humanidade. Dessa naturalidade surge um equilíbrio. Essa definição do capitalismo sintetiza a “velha e boa máxima” liberal de que a economia de mercado realiza naturalmente a essência humana – o egoísmo racional. Quando o interesse privado é satisfeito, o interesse coletivo ocorre simultaneamente. De onde viria o equilíbrio? Dos diferentes egoísmos racionais que se compensam.

Atente-se ao fato de que *natural* significa aqui, também, *eterno*. Daí o combate ferrenho de Gudin a Marx e aos marxista por atribuírem ao capitalismo um caráter histórico e, portanto, passível de transformação. Além disso, a coerência teórica de Eugênio Gudin na defesa da *economia de mercado e da democracia* contra o *planejamento e o totalitarismo*, fez com que se opusesse a Roberto Campos, quando este se colocou como partidário do planejamento econômico, a partir do regime instaurado em 1964.

Porém, como Gudin justifica o caráter naturalista, portanto equilibrado, do capitalismo diante do atraso brasileiro? Reconhecido por Gudin, o atraso nacional ocorre em função do movimento desigual dessa técnica natural própria do capitalismo provocado em função de nossa “juventude”: “somos mais jovens e temos mais chances de chegar lá”, desde que estas estejam “subordinadas à lógica natural do capital” (1997: 23), como explica Maria Angélica Borges. Para o autor, o equilíbrio brasileiro só podia vir do fornecimento de produtos primários: essa era a nossa parte dentro do contexto internacional, cujo país modelo é a Inglaterra – não por acaso o país central do capitalismo naquele momento. A Inglaterra tinha que continuar cumprindo seu papel para que cumpríssemos o nosso e daí surgiria o equilíbrio. Ele só admitia a industrialização como processo subordinado ao setor agrário. Portanto, tornou-se o porta-voz do segmento de classe ligado à produção primário-exportadora. Fica patente a hierarquia atribuída por Gudin à associação com o capital estrangeiro, vendo nessa medida a possibilidade de realizarmos nossa vocação agrária, como parte fundamental do equilíbrio do sistema.

O autor viu o período pós-30 como o desarranjo originado pelo intervencionismo na economia, que resultou num caos. Numa linha de raciocínio cara ao pensamento conservador brasileiro, não poderia deixar de afirmar que o povo não tinha formação educacional adequada para escolher seus governantes. Quando chegou a ministro da Fazenda, na década de 50, e tentou colocar em prática o que defendia – a relevância de nossa vocação agrária – não pôde se sustentar pois, como oportunamente indica Maria Angélica Borges, “não era possível parar o trem da história e engatar marcha a ré”, dentro da irreversibilidade do processo de industrialização que o Brasil passava a vivenciar. Em seguida, não teve problemas em admitir e defender o golpe de 64 que considerou o policiamento adequado para a defesa da

construção do capitalismo naturalista. Só apresentou discordância a esse regime – e mesmo assim nunca para contestá-lo – quando determinadas medidas batiam mais frontalmente contra princípios neoliberais – como a questão do planejamento acima citada – tão caros ao economista carioca ao longo de toda sua vida.

Maria Angélica Borges explica que Gudin, separando o aspecto econômico, enquanto movimento autônomo em relação às demais manifestações do ser social, cumpriu um papel singular dentro do quadro brasileiro. Destaca a autora, inclusive, a atualidade do pensamento de Gudin pois “sempre que, nos momentos de crise, os rearranjos da divisão internacional do trabalho colocam na ordem do dia a nova correção de forças do capitalismo e a disputa em torno da acumulação do capital exacerba-se, as diferentes correntes que representam os diferentes interesse se armam e no cenário nacionais Gudin é lembrado” (p.272).

Também sobre a atualidade do autor, Luiz Gonzaga de Mello Belluzo, no prefácio ao livro lembra que: “Relendo a obra de Gudin, através do trabalho de Maria Angélica, é difícil não se deixar impressionar pela atualidade de seu ideário liberal. Mas ao mesmo tempo é impossível não registrar a repetição dos temas e das soluções, frutos da aversão ao caráter histórico do capitalismo e à correspondente necessidade de reafirmar a cada passo o seu caráter natural” (1997: 13).

A indicação de todas as fontes de Eugênio Gudin, além de notas biográficas sobre ele e os economistas citados, consta da parte final do livro, o que facilita o acesso e o entendimento ao leitor. A origem desta importante obra que passamos a conhecer é a tese de doutoramento de Maria Angélica Borges, defendida junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.

O trabalho de Maria Angélica Borges, sem dúvida alguma, nos auxilia firmemente a compreender a história econômica deste país, em especial a de uma das maiores expressões do pensamento conservador brasileiro, condição fundamental para todos aqueles que buscam o entendimento da realidade brasileira na perspectiva de superação de seus problemas estruturais.